



A construção da personagem como recurso de humanização no jornalismo literário

Andreza Silva Pereira ¹
Yuji Gushiken ²

Resumo: Em perspectiva interdisciplinar, na interface entre a pesquisa em comunicação e os estudos literários, o artigo analisa a construção da personagem como recurso de humanização na prática narrativa do jornalismo literário. A humanização, concebida como um dos princípios deste gênero (LIMA, 2009), pode ser entendida como a distinção do elemento humano na narrativa. Busca-se compreender os alcances do atravessamento do conceito de personagem do campo literário ao jornalístico. Investiga-se, especialmente, o novo lugar ocupado pela experiência individual na prática jornalística, tendo como referência a mesma experiência individual no gênero literário do romance. Nesta interface entre campos distintos, entre diálogos e experimentações de linguagem, o jornalismo literário esgarça o paradigma comunicacional da suposta objetividade que historicamente caracteriza o jornalismo industrial. Esta mudança atualiza-se na medida em que a subjetividade se reposiciona como matéria-prima a partir da qual indivíduos e seus cotidianos são transformados em personagens. A função poética da linguagem, ao fazer vacilar a função referencial, típica do jornalismo, exige outra experiência de produção textual para o jornalista e favorece outra condição de constituição das personagens, potencializando o jornalismo literário como episteme perceptiva da realidade.

Palavras-chave: Jornalismo Literário; Personagem; Subjetividade; Humanização.

1. O reposicionamento da subjetividade como matéria jornalística

O denominado jornalismo tradicional tem no paradigma epistemológico da objetividade um dos seus principais esteios. O jornalismo que também pode ser compreendido como “convencional” ou “hegemônico” ergueu-se sobre o cabedal de ideias da moder-

¹ Jornalista e mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea da Universidade Federal de Mato Grosso (PPGECCO-UFMT/Cuiabá). E-mail: andreza.silvapereira@gmail.com.

² Professor do Departamento de Comunicação Social e do Programa de Pós-Graduação (Mestrado e Doutorado) em Estudos de Cultura Contemporânea da Universidade Federal de Mato Grosso (PPGECCO-UFMT/Cuiabá). E-mail: yug@uol.com.br.

nidade e de seu processo de racionalização. O crescimento dos espaços urbanos e da necessidade de mediação entre esfera individual e pública ensejou a ação do jornalismo no *modus operandi* que o institucionaliza.

Na base material desse conjunto ideário, tinha curso o capitalismo industrial, orientado à maximização dos lucros, à ampliação dos mercados consumidores e à potencialização do modelo fabril. O jornalismo acompanha o avolumamento das cidades e o processo de mercantilização dos bens, materiais e simbólicos, pelo capital. Coloca-se na sociedade o problema da informação (MEDINA, 1988), da sistematização de um discurso orientador das massas na extensa e complexa urbe. Esse discurso é também tornado produto, estando sujeito às forças econômicas vigentes.

O progresso da modernidade afeta não apenas a forma de fabricação, mas o conteúdo gerado pela imprensa estabelecendo outros paradigmas ideológicos e textuais para o jornal. “O jornalismo encontra no seu estilo um padrão necessário para racionalizar na forma, no tempo e no espaço a informação que é obrigado a fornecer em quantidades cada vez maiores” (BAHIA, 2009, p.96).

Os primórdios da atividade da imprensa refletem um uso social dos jornais como plataformas de propagação expressamente ideológicas e panfletárias. Havia um comprometimento com ideias, com posições políticas e não propriamente com a lucratividade da empresa jornal. As profundas alterações de viés mercadológico sentidas pelo jornalismo o movem definitivamente a um novo paradigma. O discurso jornalístico é racionalizado e padronizado segundo o ideal da objetividade (SCHUDSON, 2010). Esse ideal alinha-se e referenda o enquadramento da notícia.

Com a evolução capitalista, o jornalismo [...] começa a se estruturar nos moldes industriais, abandonando, pois, a fase artesanal. Com isso, as empresas jornalísticas recorrem a novos recursos produtivos e linguísticos capazes de organizar a informação nos moldes mercadológicos. A partir de então, vemos ascender, no espaço jornalístico, novas tendências narrativas que têm [...] na notícia a extensão ideal de representação do espaço social. Neste contexto, a opinião passaria a ocupar menos espaço no modelo de jornalismo-empresa, pois o que importava era sistematizar de maneira racional e objetiva os diversos níveis simbólicos de construção da realidade (GUEDES, 2007, p.8).

A objetividade se apresenta como um método de apreensão do mundo idôneo para expurgar riscos subjetivos de distorção, pretendendo a mídia como uma mediadora pas-

siva da realidade. Sua concepção mais ortodoxa relaciona-se com a teoria do espelho, desenvolvida na segunda metade do século XIX e considerada o primeiro conjunto explicativo à questão de por que as notícias são como são. Segundo essa teoria, as notícias são como são porque a realidade assim o determina, como num reflexo especular.

Já nas primeiras décadas do século XX, a consolidação do paradigma informativo vai separar as esferas do fato e da opinião. Textualmente, desdobram-se desse conjunto ideário e conjuntural a redação telegráfica e técnicas como o lead e a pirâmide invertida. No mais, categorias formais como clareza, simplicidade e concisão são incorporadas aos manuais de redação como auxiliares ao alcance da objetividade.

De modo geral, concebe a ideologia da objetividade que o jornalismo reflete o real, sendo o sujeito um mediador isento nesse trânsito. Tornou-se essa a crença dominante e fundante da deontologia da profissão jornalística. Os fatos autorreferenciados, naturalizados como constatação empírica do mundo, reclamam existência estanque. Os jornalistas “foram buscar no espírito científico o respeito pelos fatos empíricos e o cuidado de não avançar além daquilo que os fatos indicam” (LAGE, 2005, p. 15).

As manifestações contemporâneas do jornalismo literário, que tomamos como objeto neste trabalho, em especial o Novo Jornalismo, instituem-se a partir de um repensar dessas fronteiras epistemológicas e textuais. A enunciação jornalística é admitida como lugar de construção e interpretação e não mais de espelhamento. Narrar o mundo é produzir sentidos, constituir outra realidade, realidade simbólica (MEDINA, 2008). A objetividade enquanto valor dogmático torna-se objeto de crítica da teoria construcionista da notícia, a qual se ampara em outra concepção do jornalismo como forma de conhecimento.

O que caracteriza o *New Journalism* é uma atitude crítica em relação aos modelos do que ele (Wolfe) chama de “jornalismo totem”. Crítica que encontra sua expressão no experimento estético, carregando o texto jornalístico de referencialidade num movimento oposto ao investimento no conteúdo. A forma do discurso é tratada como artifício e, em nenhum momento se constrói nada que encuba esse estatuto. Isso faz com que a discursividade do *New Journalism* seja uma desconstrução exemplar da objetividade jornalística (DEMETRIO, 2007, p. 79).

Lima (2014) conceitua o jornalismo literário como modalidade de narrativa da realidade que se vale de recursos oriundos da literatura. Segundo o teórico, entre os princípios definidores desse jornalismo, estariam a voz autoral daquele que escreve o texto e a humanização das pessoas retratadas nas histórias, fazendo delas mais que fontes de informações. Em ambos os princípios, a subjetividade é sublinhada como elemento compositor da matéria jornalística.

A revalidação da subjetividade e da autoria no jornalismo, não mais como caminho de volta a uma imprensa militante e partidária, mas como esforço de potencialização discursiva do texto, estabelece com a literatura necessária interlocução. Na seção seguinte, trataremos da relação do jornalismo com a literatura no processo de construção da personagem e da humanização da narrativa.

2. A personagem como recurso de humanização da narrativa

O jornalismo literário contemporâneo constitui-se de uma intensa interlocução com a literatura. Tomando o Novo Jornalismo como corrente particularmente renovadora da tradição do jornalismo literário (LIMA, 2009), nota-se em seu acolhimento da literatura busca de renovação da força sensibilizadora do texto.

O Novo Jornalismo, originalmente *New Journalism*, tomou forma nos Estados Unidos da década de 1960 quando nomes como Tom Wolfe, Norman Mailer, Truman Capote e Gay Talese produzem histórias distintas do padrão jornalístico vigente e as levam ao grande público. Em comum nessas criações, a carga dos recursos literários agindo sobre o texto factual.

Tom Wolfe, um dos expoentes do gênero, nomeava de “esmaecido” o jornalismo vigente em sua impossibilidade de retratar propriamente a complexidade da sociedade, limitando o real ao concreto. Desautomatizar o jornalismo, recuperando-o como objeto estético implicava “utilizar vários recursos simultaneamente para excitar o leitor tanto intelectual quanto emocionalmente” (WOLFE, 2005, p. 28). A literatura e seu instrumental foram um espaço de experimentação desse novo jornalismo.

O texto jornalístico que se propõe contrapor as potências fixas que o recortam como dispositivo disciplinar assume um devir literário e passa para uma outra modalidade. Como na experiência do *New Journalism*, nem jornalismo, nem literatura, mas ambos ao mesmo tempo nas duas direções. Rizoma entre jornalismo e literatura. Assumindo uma linha que desmancha as formas estáticas pela parada do processo de sua produção. Linha que nasce desse encontro e que arrasta os dois domínios para um plano em aberto, como num deserto (DEMÉTRIO, 2007, p. 74).

Em traços gerais, pode-se compreender subjetividade como “o caráter de todos os fenômenos psíquicos, enquanto fenômenos de consciência, que o sujeito relaciona consigo mesmo e chama de ‘meus’”(Abbagnano,1998, p. 922). A subjetividade, fitada com desconfiança pelo jornalismo imputado impessoal, tem outro status na literatura e na arte, de modo geral. O reposicionamento da subjetividade das pessoas retratadas nas histórias do jornalismo literário tem o efeito de humanizá-las. Em termos narrativos, entende-se esse deslocamento como uma valorização da experiência individual da personagem.

A humanização jornalística por meio da construção da personagem refere-se à centralidade ocupada pela subjetividade das pessoas retratadas no texto. A história é expressa tendo como partida a vida simbólica, a experiência humana. As pessoas são o centro convergente da matéria reportada.

O humano atravessa o centro da narrativa e da realidade depurada pelo jornalismo. A humanização na reportagem literária não é um desvio da matéria jornalística, mas atravessa a ideia mesma de narrativa. “[...] de todos os elementos constituintes de uma boa narrativa – o que acontece, onde, como, com quem, quanto etc. –, o grande destaque no jornalismo literário é para o ser humano” (LIMA, 2014, p. 24). Enquanto criação simbólica, a narrativa perpetua a vida. “A narrativa é igual à vida; a ausência de narrativa, à morte. [...] O homem é apenas uma narrativa; desde que a narrativa não seja mais necessária, ele pode morrer” (TODOROV, 2000, p. 54).

O humano na narrativa está construído na personagem. No interior da prosa, ela é o ser que vive as ações narradas, movimentando-se no espaço forjado pelo escritor. Enredo e personagem são instâncias inseparáveis: o enredo existe por meio das personagens e as personagens vivem no enredo (CANDIDO, 1972). A personagem figura como elemento fundamental de composição da obra, o qual, por processo de transposi-

ção, insere o leitor no universo do imaginário. Representa a possibilidade de adesão afetiva e intelectual do leitor, pelos mecanismos de identificação. “Ao darmos destaque às pessoas, conseguimos com que o leitor se identifique com elas. [...] E se o leitor se identifica com os personagens das nossas histórias, tem a oportunidade de descobrir nelas alguma coisa sobre si próprio” (LIMA, 2014, p. 24).

Aquilo que se narra está intimamente ligado à personagem devido ao fato de a narrativa literária tratar das ações, intenções e percepções humanas. Assim, na construção de uma narrativa, a presença das personagens é fundamental em virtude de os leitores identificarem-se com elas a partir da representação do elenco que, inconscientemente, todos carregam dentro de si (NOBRE e PICCININ, 2013, p.53).

A noção de personagem atravessa o campo da literatura relevando sua aderência à prática jornalística. Ao lançar mão desse conceito, o jornalismo literário ressignifica o papel instrumental das pessoas no texto. De fontes de informação atreladas a fatos, elas se colocam como identidades jornalisticamente relevantes por si. Nas reportagens que primam pela humanização, os fatos passam a ser descortinados por meio das subjetividades, que encaminham o leitor na progressão do enredo.

[...] por subjetivação ou subjetividade não denotamos emissão de opiniões de forma indiscriminada ou sem embasamento, mas o status que repórter e fontes de informação adquirem, tornando-se, em vez de objetos, sujeitos, narrador e personagens [...] (PASSOS e ORLANDINI, 2007, p.8).

O termo personagem é utilizado pelos novos jornalistas ao tratar das pessoas focalizadas em suas reportagens, expressando também a permeação da literatura nos escritos. A ideia era dar aos leitores o que estava apenas na linguagem literária: a vida subjetiva e emocional das personagens (WOLFE, 2005). Abordaremos mais detidamente a interlocução que o jornalismo realiza com uma expressão literária em particular, o romance e uma de suas técnicas mais tradicionais, o desvelamento da subjetividade (Paniago apud ANDRETTA, 2013, p.4). “Essa descoberta, de início modesta, na verdade, reverencial, poderíamos dizer, era que talvez fosse possível escrever jornalismo para ser ... lido como um romance. Como um romance, se é que me entendem” (WOLFE, 2005, p. 19).

O romance moderno exerce forte influência sobre a construção da personagem no Novo Jornalismo, especialmente no romance-reportagem. A emergência do gênero literário na Inglaterra do século XVIII, quando da ascensão e consolidação da burguesia e de seu espaço urbano, abre caminhos para a valorização do realismo e da experiência individual na trama. Os enredos se distanciam das narrativas de cavalaria medievais, em que a força do coletivo é enfocada. “Com efeito, a forma romanesca parece-nos ser a transposição para o plano literário da vida cotidiana na sociedade individualista nascida da produção para o mercado” (GOLDMANN, 1976, p. 16).

Indivíduos habitam os romances. Indivíduos que são postos num meio dinâmico e problemático, vindos de classes sociais pequeno-burguesas e vivendo seus dramas interiores em cenas cotidianas. A identidade individual da personagem é construída pelo contato com suas memórias, pensamentos, experiências. Por meio do chamado fluxo de consciência no romance moderno, além dos diálogos, os próprios pensamentos das pessoas são inseridos na trama. A consciência humana em conflito é investigada.

Candido (1972) cita autores como Fiódor Dostoiévski, Charles Baudelaire e Emily Brontë como precursores de obras de nomes tais quais James Joyce, Franz Kafka e Marcel Proust no que se refere à tematização da dificuldade em descobrir a unidade humana. O romance moderno elege personagens complexas que não se adequam a caracterizações planas, à expressão do herói e a correspondências simples entre subjetividade e coletivo.

Em *Radical Chic e o Novo Jornalismo*, Wolfe aborda as influências literárias do Novo Jornalismo. Dentre os romancistas, Honoré de Balzac, Charles Dickens, Fiodor Dostoiévski e Liev Tolstói exercem especial apelo pelo potencial de suas obras serem lidas como expressões de uma época. Características realistas como a observação, a crítica social, a análise psicológica das personagens, a valorização do cotidiano e do contemporâneo desdobram-se no jornalismo literário.

Para humanizar o texto e construir a personagem, o jornalismo literário vale-se de técnicas. É preciso ressaltar que o termo “técnica” nesse gênero jornalístico está fortemente vinculado à voz autoral de cada jornalista. Há uma busca subjetiva nesse processo (SCHUDSON, 2010). “As técnicas à disposição do jornalista literário são aproveitadas de um modo todo peculiar. Não constituem regras a serem seguidas rigidamen-

te. [...] No jornalismo literário o repórter é um escritor, portanto autor” (LIMA, 2014, p.23). Não são prescrições ou fórmulas a serem reproduzidas larga e mecanicamente, mas características mais ou menos constantes nos textos e combinadas ao estilo e tendências de cada escritor.

Wolfe (2005, p. 8) reconhece quatro recursos essenciais que tornam o Novo Jornalismo “tão absorvente e fascinante quanto o romance e o conto” e ainda capazes de expressarem a realidade factual. Tais recursos, marcadores da ficção realista, são: a reconstrução dramática dos acontecimentos cena a cena, a transcrição integral de diálogos, o emprego narrativo em terceira pessoa e a apresentação detalhada de costumes e dos estilos de vida das personagens. Recursos que, segundo ele, foram absorvidos e exercitados no jornalismo por experiência e erro, intuitivamente.

Em todos esses recursos, está presente o esforço de construção da personagem, pois “permitiriam ao jornalista escritor revelar o mundo pelos olhos do entrevistado, sem deixar que seu modo de ver limitasse o contato da realidade retratada para o leitor” (MARTINEZ, 2016, p. 176). O recurso de construção cena a cena, o mais básico deles e que se vale dos demais para construir-se, consiste na presentificação da cena narrada, evitando a narrativa histórica e hierárquica. Em termos humanizadores, o recurso insere o leitor paulatinamente no enredo experimentado pelas personagens, imergindo-o nele como testemunha e intensificando a vivacidade do relato.

Os diálogos voltados à caracterização da personagem são, segundo Wolfe (2005, p. 54), recurso que “estabelece e define o personagem mais depressa e com mais eficiência do que qualquer outro [...]”. É um fim que se diferencia do dado no jornalismo convencional, em que os diálogos, costumeiramente, exprimem-se formalmente entre aspas e objetivando ilustrar ou referendar o fato narrado.

A focalização narrativa em terceira pessoa permite que o narrador apresente diferentes pontos de vista acerca da história contada, descortinando cada cena por meio de uma personagem em particular. A personagem é focalizada como doadora de sentidos sobre o real, sentidos compartilhados com o leitor. Na leitura, recebem-se as cenas por meio desse olhar particular, havendo a “sensação de estar dentro da cabeça do personagem, experimentando a realidade emocional da cena como o personagem a experimenta” (WOLFE, 2005, p. 54).

Estar “dentro” da cabeça da personagem abrangia ter acesso aos seus pensamentos, sensações, emoções. A personagem da reportagem literária conta a realidade com forte impressionismo. Esse intimismo que atinge a sua vida interior é alcançado pelo jornalista pelo instrumento da entrevista.

Eu procuro seguir os objetos de minha reportagem de forma discreta, observando-os em situações reveladoras, atentando para suas reações e para as reações dos outros diante deles. Tento apreender a cena em sua inteireza, o diálogo e o clima, a tensão, o drama, o conflito e então em geral a escrevo do ponto de vista da pessoa retratada, às vezes revelando o que esses indivíduos pensam durante os momentos que descrevo. Esse tipo de insight depende, naturalmente, da cooperação total da pessoa sobre a qual se escreve, mas se o escritor goza de sua confiança, é possível por meio de entrevistas, fazendo as perguntas certas nas horas certas, apreender e reportar o que se passa na mente de outras pessoas (TALESE, 2004, p.10).

John Hersey escreve *Hiroshima* a partir da incorporação das visões subjetivas de suas personagens. A história, publicada em 1946, reporta o impacto da bomba atômica lançada sobre a já rendida cidade japonesa um ano antes, no fim da II Guerra Mundial. Das vítimas, seis norteiam a narrativa: Toshiko Sasaki, Masakazu Fujii, Hatsuyo Nakamura, Wilhelm Kleisorge, Terufumi Sasaki e Kiyoshi Tanimoto. A perspectiva humanizadora e não o ineditismo das informações trazidas fez do livro uma obra inovadora que resistiu ao limites do fato que lhe deu origem.

O quarto recurso, a apresentação detalhada de costumes e estilo de vida das personagens, pode ser sintetizado como uma descrição do status de vida. Trata-se de investigar hábitos, gestos, falas, expressões faciais, roupas, gostos e entorno dos sujeitos como material simbólico de sua posição no mundo.

Não se trata de “bordar” dados acessórios à narrativa e sim de apurar a identidade da personagem por veredas pouco exploradas pelo jornalismo tradicional. Colocado junto ao centro de poder do realismo (WOLFE, 2005), o recurso tem grande capacidade comunicadora da sociedade e do tempo no qual a cena está inserida. “Venha cá, olhe! É assim que as pessoas vivem hoje! Estas são as coisas que fazem!” (WOLFE, 1976, p. 18).

Certo é que outros recursos menos elementares poderiam ser elencados e explorados como meios de humanização e desenvolvimento da personagem no jornalismo

literário. Desdobramentos geográficos e estilísticos desse jornalismo também recorrem ao elemento narrativo em questão. Este artigo realiza uma aproximação dos traços textuais centrais de uma versão do jornalismo literário, destacada por seu caráter representativo.

3. Considerações finais

O paradigma da objetividade jornalística realizou uma cisão entre o indivíduo que experencia a realidade e a própria realidade. A subjetividade foi arrefecida enquanto matéria reportada, numa visão que credita à externalidade do mundo a primazia da verdade.

A contaminação contemporânea entre jornalismo e literatura permitiu um reposicionamento da subjetividade das pessoas retratadas nas narrativas factuais. Por meio de uma diversificação nos modos de observar e narrar, o jornalismo esgarça as fronteiras da notícia e de seus padrões sustentadores.

A acepção mesma de narrativa, segundo teóricos como Jorge Ijuim (2008), requer apropriação de elementos não objetivos e postura interessada do narrador. A subjetivação é, para Passos e Orlandini (2007), um dos princípios do jornalismo literário e de sua tônica.

Dessa forma, como pode o repórter construir narrativas se contar somente com fatores objetivos, uma razão empobrecida pela supremacia da técnica e da eficiência? Como pode “dar o fato” sem compreender os nexos de uma realidade complexa? Como pode este jornalista narrar as ações humanas se não estiver sensível e solidário às dores universais? (IJUIM, 2008, p. 140).

A personagem, continente da subjetividade na narrativa, é um elemento de pesquisa do humano e sua complexidade. A busca pelo alargamento e aprofundamento do espaço da personagem no texto é a negação de sua retratação massificada e estereotipada. “Toda boa narrativa do real só se justifica se nela encontramos protagonistas e personagens humanos tratados com o devido cuidado, com a extensão necessária e com a

lucidez equilibrada onde nem os endeusamos nem os vilipendiamos” (LIMA, 2009, 359).

A construção da personagem, que rejeita a planificação do indivíduo, produz no jornalismo um eco político. A personagem e seu enredo dão ao massivo, ao anônimo forma e aventam o problema da alteridade. A pessoa comum e o cotidiano são também incorporados aos relatos, provocando mudanças nos conceitos de noticiabilidade.

[...] o jornalismo tende a perpetuar umas ficções, uns borrões da realidade que não são o real; e a tentativa que o jornalismo deveria ainda praticar [...] é de justamente, tocar esse real que fica escondido e que fica oculto nesse borrão em que as pessoas não se destacam. Em que as pessoas ficam na massa, uma espécie de argamassa, em que são todas iguais, ou então são simplesmente uns, umas generalizações, ou muçulmanos, ou os judeus, os favelados. O que me interessa é recortar cada fragmento dessa imagem e, com uma espécie de lupa, olhar para ela, com uma noção do seu contexto, mas tendo a noção de que ela é absolutamente singular. E isto é político. Ao dar dignidade a cada pessoa, independente do seu contexto, temos que estabilizar um valor inteiro, e isso é político. Isso retira da ficção, do borrão (COELHO, 2012, p. 160).

Os fatos encarados como instâncias autônomas não dão conta de manifestar a natureza simbólica da realidade ou o encadeamento da história de cada personagem com a história humana. Para além das notícias e das tramas imediatas, a humanização almeja refletir o fundo comum de uma extensa rede que há em cada enredo. O humano é tomado como possibilidade de conhecimento do mundo e cada pessoa tomada como uma narrativa singular.

Referências

- ABBAGNAMO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- ANDRETTA, Cyntia. **A ideia de literatura nos romances do Novo Jornalismo**. 2013.182 f. Tese (Doutorado)-Instituto da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2013. <Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/269903> >. Acesso em: 16 jul.2017.
- BAHIA, Juarez. **Jornal, História e Técnica: história da imprensa brasileira**. 5 ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009.
- CANDIDO, Antônio (org.). **A personagem de ficção**. 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- COELHO, Alexandra Lucas. Uma ponte entre a escrita e o mundo (entrevista). In: MAROCCO, Beatriz. **O jornalista e a prática – entrevistas**. São Leopoldo, RS: Ed. Unisinos, 2012, p. 157-179.
- DEMÉTRIO, Silvio Ricardo. **Por um jornalismo contracultural: linhas de fuga o new journalism**. 2007. 102 f. (Tese) Doutorado - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
- GUEDES, Marques Viviane. O jornalismo e o fenômeno da racionalização moderna. **Biblioteca online de ciência da comunicação - Labcom**. 2007. Disponível em: <<http://www.bocc.uff.br/pag/guedes-viviane-jornalismo-fenomeno-racionalizacao-moderna.pdf>>. Acesso em: 10 de julho de 2017.
- GOLDMANN, Lucien. **A sociologia do romance**. 3ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- IJUIM, Jorge et al. Jornalismo: entre o objetivo e o subjetivo. **Estudos em Jornalismo e Mídia**. Ano V - n. 1 pp. 137 - 148 jan./ jun. 2008.
- LAGE, Nilson. **Estrutura da notícia**. 5. ed. São Paulo: Ática, 2005.
- LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas: O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. 4 ed. Barueri, SP: Manole, 2009.
- _____, Edvaldo Pereira. **Jornalismo Literário para iniciantes**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.
- MARTINEZ, Monica. **Jornalismo Literário – Tradição e Inovação**. Florianópolis: Insular, 2016.
- MEDINA, Cremilda. **Notícia, um produto à venda: jornalismo na sociedade urbana e industrial**. São Paulo: Summus, 1988.
- _____, Cremilda. **Ciência e Jornalismo: Da herança positivista ao diálogo dos afetos**. São Paulo: Summus, 2008.

NOBRE, Kássia; PICCININ, Fabiana. Eliane Brum e as personagens complexas da obra *A vida que ninguém vê*. **Rizoma**, Santa Cruz do Sul, v. 1, n. 2, p. 52, dezembro, 2013.

PASSOS, Mateus Yuri; ORLANDINI, Romulo A. Contando a história do presente: princípios para uma caracterização estrutural do jornalismo literário. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO. 30. 2007, Santos. **Anais...** São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2007.

RESENDE, Fernando. **Textuações: ficção e fato no novo jornalismo de Tom Wolfe**. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2002.

SCHUDSON, Michael. **Descobrimo a notícia – uma história social dos jornais nos Estados Unidos**. Petrópolis: Vozes, 2010.

TALESE, Gay. **Fama & Anonimato**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

TODOROV, Tzvetan. **As estruturas narrativas**. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 2000.

_____, Tom. **El Nuevo Periodismo**, trad. José Luiz Guamer. Barcelona: Anagrama, 1976.

WOLFE, Tom. **Radical Chique e o Novo Jornalismo**. São Paulo: Cia. Das letras, 2005.